

# CORREIO DO VOLUCA

Semanario  
independente, noticioso e litterario  
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.  
Rua de Sá Noronha, 51  
—  
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:  
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES  
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
NA  
RUA DE S. MIGUEL N.º 36  
—  
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboração que não seja sollicitada.

## O CODIGO E AS PRISÕES

E' um phenomeno geral tomarem os ociosos, vadios, vagabundos e criminosos as grandes cidades e sobretudo as capitães para seu valhacouto e theatro de proezas. Lisboa não escapa a esta regra, notando-se o phenomeno já ha mais de um seculo, sendo intendente o celebre Pina Manique, o qual realiso no curto espaço de oito dias uma limpeza radical, fazendo apanhar e enforçar algumas centenas d'elles nas prisões da Cova da Moura, convertidas hoje em quartel militar, mas que ainda lá mostram n'uma das casernas a respectiva forca, um respeitavel gancho de ferro suspenso da abobada.

Felizmente, hoje estamos já muito afastados das selvagerias do seculo XVIII, e, como quanto a civilização e a sciencia estejam ainda muito longe de ter attingido a meta, já dispomos de processos mais suaves e methodicos para resolver o caso e limpar a capital dos escorias humanas, desprezíveis e perigosas.

Tambem será conveniente notar que a dura resolução do discrecionario Pina Manique foi principalmente motivada em consequencia de roubos e assassinos commettidos em individuos estrangeiros.

Julgamos bom recordar este ponto, para que se medite que, se identicos factos succedessem, a obra do turismo em que se anda empenhado poderia ser muitissimo prejudicada.

Segundo as leis modernas, que já não é licito desconhecer nem refutar, são susceptiveis de regeneração pelo regimen de prisão ou sequestro, quasi todos os delinquentes jovens e até mesmo a grande maioria dos criminosos inveterados. E como se póde isto conseguir? De uma maneira que nada tem de impossivel pôr em pratica. Consiste em dotar o paiz, as cidades, districtos ou provincias com um certo numero de colonias agricolas, asylos-officinas e prisões com trabalho, modificando ao mesmo tempo o systema das penalidades consignadas no critério ou base. A base actual da penalidade proporcional ao delicto deve ser abandonada pelo menos em muitos casos, adoptando-se em seu lo-

gar a regra da penalidade necessaria para regenerar o delinquente. O castigo não será imposto para vingar a sociedade, mas sim para garantir a sua tranquillidade e segurança. O delinquente não deve ser mettido durante algumas semanas ou mezes numa prisão immunda, onde permanece ocioso, mas sequestrado do convívio social, recolhido em colonia, asylo ou prisão, vivendo em condições hygienicas, e de onde sómente deverá sair depois de ter aprendido um officio e adquirido uma natureza nova de habitos de trabalho e de moralidade.

N'este regimen o delinquente recebe ensino e educação, é sempre obrinado ao trabalho, de que receberá o producto integral, destinando-se uma parte ao seu sustento, e sendo a outra arrecadada, entregue ao preso quando elle deixa a prisão. Alguns auctores são mesmo da opinião que o preso se sustente do seu trabalho, e se não fornece alimento nenhum aos que se recusam a ganhá-lo.

A primeira vista, poderá parecer que a applicação d'este principio será desumana e cruel, pois recusando-se muitos delinquentes ao trabalho, a sua morte pela fome seria horrorosa. Ora o systema tem já sido applicado com o melhor exito, provando-se que os mais inveterados ociosos, souteneurs, gatunos falsificadores, se dobram e sujeitam, nas prisões, á regra de viver do seu trabalho.

J. OLIVEIRA.

(De A Lucta).

## GAZETILHA

Haja vivorio  
E regalarior  
E foguetorio  
Nesta terra e redondezas  
Ergam vivas á Christina  
Toda a velhota e menina  
E varões de ventas tesas!

Reine a alegria  
Haja folia  
Na freguezia!  
Que já vemos por esse ar  
Uns zigue-zagues de fumo  
Aos quaes o vento dá rumo  
Mais depressa ou devagar.

Viva o canudo  
O silvo agudo  
Rails e tudo  
Que acordar p'ra a vida veem  
Os campos, várzeas, pinhaes!  
Avante a machina e o mais!  
Viva o Progresso e... eu tambem!

E pelo exposto  
Já para Agosto  
Terei o gosto  
De em pé leve e ligeireza  
Ir de comboio p'ra ahi!  
Até minha alma se ri,  
Cachopas, tende a certeza.

E os maganões  
Dos mocetões  
Que os corações  
Vos trouxeram p'ra as cidades,  
Terão, felizes, a dita  
Da vossa linda visita  
De vez em quando, beldades!

Só os meus amigos,  
Certos, antigos,  
E' que castigos  
Juntarão aos seus reveses,  
Porque teem de me aturar  
Quando os fôr lá visitar,  
O que será muitas vezes.

25-5 911.

EL-VIDALONGA.

## REVISTA DOS JORNAES

### CAMILLO

D'uma entrevista d'um redactor da *Republica* com Silva Pinto registámos os seguintes trechos:

#### O Camillo na intimidade — Algumas anedoctas da sua vida

Silva Pinto não falla nunca de Camillo, tocado pelo tom de affectuosidade em que o escriptor lhe correspondeu: «Um bom homem!» respondeu elle, e «um grande desgraçado». A mulher deixou-o por outro homem, as filhas seguiram o exemplo da mãe, e o filho deu em ladrão. Elle é um homem honrado e digno...

—Era um desgraçado, e na sua ultima phasie existencial era espantoso. Tinha reviravoltas de opinião que causavam vertigem, e o seu conselho traduzia uma constante allucinação. Uma tarde, em Famação, seguiámos uma estrada, quando, á porta d'um velho casal, se ergueu descobrindo-se um pobre ancião que nos cumprimentava.

—«Quem é?» perguntei eu a Camillo, tocado pelo tom de affectuosidade em que o escriptor lhe correspondeu: «Um bom homem!» respondeu elle, e «um grande desgraçado». A mulher deixou-o por outro homem, as filhas seguiram o exemplo da mãe, e o filho deu em ladrão. Elle é um homem honrado e digno...

«Cinco minutos depois voltamos para traz, e, no mesmo sitio, o ancião ergueu-se de novo, n'uma saudação.

—«Quem é?» pergunta Camillo. Eu informei-o: «O homem de ha pouco...» «Ah! isso é um borrachão! A mulher e os filhos passavam com elle um martyrio!...

«Tinham tudo de mettezia moral, em que crido lhe mettea medo, lhe causava horror—e então appellava para o revólver, que o não deixava nunca. Um dia recebi um telegramma d'elle, da dizer-me: «Porque não vem você por ahi acima? Parta, se póde». Eu podia e parti. Elle recebeu-me com um grande espanto. «Peu v. veio? Mas eu telegraphiei-lhe porque julguei que não tomaria o pedido a sério. Mas fez bem, fez bem. Sa-be? A D. Anna cortou um dedo... coitada! Um horror. Eu vi; imagi-

ne, vêr sangue... Puxei do revólver, quando o meu filho, o doido, entra na sala, e me diz: «Papá não se mate, que eu vou endoidecer! Quer tortura maior?

«Entretanto, mesmo em meio da sua desgraça, o Camillo não deixava nunca o sarcasmo. Um dia estavamos os dois na pequena propriedade de Seide. O filho veio ter com elle, e, sobraçando um «Tito Livio», dizia: «Papá: ha no «Lito Livio» uma expressão, que eu encontro no «Horacio», porém com resolução opposta. Quem tem razão: «Horacio» ou «Tito Livio»?

«Eu não me lembro bem do que se tratava, mas conservo a memoria de que a observação era o producto da idiotia do rapaz. O Camillo olhou-me tomando a cabeça do pequeno e sorrindo. «Ora veja, que julgando eu ter aqui um grande homem, saíu-me um pequeno sandeu. Não o acha tão burro como F...?» E o Camillo citava o nome d'um escriptor da epocha, a quem perseguiu sempre com as suas troças... Depois voltou-se para o filho e disse-lhe: «Eu não sou uma auctoridade. Mas aconselho-te a que aches d'esta vez razão ao «Tito Livio». Para outra vez achal-a-has ao «Horacio»...

O pequeno partiu e eu olhei para o grande homem. Tinha os olhos rasos de lagrimas...

«Era um grande coração, e precisamente no plano da dôr é que com verdade Camillo devia ser estudado. Sabe as velhas dissidencias entre Camillo e Theophilo Braga; um dia escreveram-lhe para S. Miguel, dizendo-lhe que tinham morrido a Theophilo dois filhos. «Passou a noite em lagrimas!», dizia-me depois D. Anna Placido. E, alguns dias passados, publicava o primoroso soneto «A maior dôr humana», em que para sempre se reconciliava com Theophilo Braga.

«E era assim sempre. A Dôr nunca passára por elle que o deixasse de olhos enxutos...

Silva Pinto despediu-se de nós, exclamando:  
—Vá, vá, e seja feliz na sua companhia. Camillo deveria ter ha muito uma estatua. Façam-lh'a agora... E' uma consagração que lhe devemos, E se a occasião não é boa, deem-lhe ao menos isto: uma lapide...

Arnaldo Pereira.

## SYMPATHIA SOCIAL

D'um artigo de Leonardo Coimbra, publicado na *Montanha*, transcrevemos os seguintes periodos:

Quando dizemos nada haver de bom em Portugal, dizemo-lo com raiva, mostrando bem que é o medo que fallando receamos a nossa pobreza, por isso fazemos alarde d'ella para a afugentar. E' um desafio a que nos desmintam, como quando apostamos contra a nossa propria opinião e desejo. Parece-nos que assim sollicitamos o acontecimento desejado.

Noutros casos dizemos mal de tudo para justificação da nossa insignificancia. Tomamos muitas vezes a caricatura, que é um simples processo de pedagogia social, como photographia. E assim aca-

bamos por tornar monstruoso o que só offerece certo desaire. Queremos corrigir um lado d'uma personalidade e augmentamo-lo a ponto de se tornar para nós toda a personalidade.

E' esta falta de sympathia, que originando a desconfiança social, nos enfraquece e amesquinha. E assim nos vamos apoucando e tornando o meio improprio para a florescencia dos homens superiores, condensadores de sympathia social.

Isto acontece com os representantes da cultura intellectual, isto acontece com as relações de familia, isto acontece com as relações profissionais, isto acontece em todas as relações sociaes. E no entanto de alguma coisa nos podemos orgulhar e declarar prodigos. Nós temos actualmente uma poesia superior e verdadeira, *sem maneiras*, sincera, lusitana, voz dos nossos peccos a cantar as aspirações universaes. Nós temos pensadores honestos e sérios que tem raizes na realidade e, sem rhetorica, trabalham a eff. E no entanto diz-se todos os dias que é tremenda a crise da nossa litteratura. Falta-nos, é certo, uma cultura scientifica; mas d'essa mesma temos alguns representantes. Em tudo a desconfiança media. O operariado portuguez desconfia de todos os que não acceitem dogmaticamente os seus systemas demasiadamente rigidos e *absolutistas* para abrangerem a verdade.

A burguezia portugueza é sempre disposta a interpretar os movimentos operarios a sabôr do alvoroço desinquietante, que elles lhe lançam no espirito. D'ahí correntes de hostilidade, incapazes de conjugação. A tolerancia, filha de aquelle *esprit de finesse* que Pascal affirmou ser preciso para o conhecimento do real, é-nos desconhecida. E' costume chamar-se-lhe transigencia.

Muito precisavam os nossos olhos de fugir áquella estranha cegueira dos seres humanos de que nos falla W. James.

A vida é complexa e difficil; o homem das verdades absolutas é um magarefe e não um pensador. Quer isto dizer fraqueza? Não. Somos tolerantes, quer dizer, não somos petrificadas mumias, mas seres de carne e soffrimentos, que amamos a Vida e a queremos engrandecer: Seremos, por isso, transigentes?

Não. Um só absoluto admittimos—o da sinceridade. E' com sympathia que imos para os outros, de coração commovido e espirito ansioso; mas não nos substituímos á mentira. Para a Verdade seguiremos com todos os nos acompanhemos.

Para a mentira ninguem acompanharemos. E mentira é pregar o amor e semear o odio, ir para Deus com o auxilio do diabo. Devemos unificar a nossa vida social pela confiança esclarecida.

Naturalmente confiantes, sabêremos comprehender os homens e distinguir entre a falta que diminue e a falta que infama. Não será mirrada a nossa alma por um sceptismo janota, que só representa a nossa falta de ideal, reflectida e estendida aos outros.

Leonardo Coimbra.

## ASSUMPTOS LOCAES

Escreve-nos um nosso presado conterraneo o seguinte:

«A Junta cessante andava a reconstruir o muro do adro do lado do nascente, obra de urgente necessidade, achando-se já toda a cantaria aparelhada, quando tomou posse a comissão parochial republicana, resolvendo esta, numa das suas primeiras sessões, concluir o referido melhoramento, para o que tinha verba orçada e dinheiro no cofre.

Nada fez, porém, até hoje, embora por mais d'uma vez, tenha reconhecido que é urgentissima a necessidade de concluir a projectada e iniciada obra. Continúa, portanto, o adro, que a comissão administrativa deveria ajardinar, pois constitue o coração da villa, a ser lugar de despejos, dando uma pessima impressão a quem por lá passa.»

O nosso presado conterraneo tem muita razão. E' indispensavel ajardinar o adro d'esta freguezia, ou, pelo menos, conserva-lo limpo.

Já em tempos se tratou aqui com desenvolvimento d'esta questão. Havia quem desejasse e contribuisse mesmo materialmente para o referido ajardimento.

Mas tambem havia quem se se lhe oppuzesse obstinadamente, embora com fracas razões, quer-nos parecer. Allegava-se principalmente que, remexer a terra do adro, era talvez desrespeitar a memoria dos mortos, ou dos «vindouros» como dizia, decerto espiritualmente, um dos oradores numa reunião a que não assistimos mais de que recebemos informações fidedignas.

Alguns mezes de Republica talvez tenham feito já o milagre de afastar aquelles supersticiosos receios do espirito d'alguns dos nossos conterraneos mais timoratos.

Mas, para o verificar, não conhecemos melhor processo que este: a Comissão Administrativa annunciar que vae ajardinar o jardim e ajardinalo realmente.

O nosso amavel conterraneo, que se dignou dar-nos, por meio de carta, algumas informações, refere-se ainda a outros assumptos de interesse local. D'elles trataremos no proximo numero.

## Uma freira de Lorvão

As freiras de Lorvão queriam festejar com desusada solemnidade o Natal d'aquelle anno. Tinham feito communicar o seu desejo, por intermedio da madre-vigaria, ao abade de S. Payo de Melgaço, confessor e esmoler do senhor Bispo de Coimbra, provisor e vigario-geral do Bispado, que logo pôz sua Illustrissima ao facto das intenções piedosas das nobres bernardas. Pensavam ellas em representar um auto no côro-de-cima, levantar um presépio, e rogar ao prelado a graça de officiar na missa da meia noite. Sua Illustrissima, que era um ve-

## NOTICIARIO

**Falecimentos**—Falleceu no dia 20, em Couto de Cucujães (Oliveira d'Azemeis) a mãe do nosso presado amigo snr. José de Bastos Valença, importante e considerado industrial no Porto.

A extincta, que contava 76 annos, era uma excellente senhora, muita estimada e respeitada por todas as pessoas que tiveram occasião de apreciar as suas qualidades de caracter e coração. A sua morte foi vivamente sentida.

Ao snr. Bastos Valença e á sua ex.<sup>ma</sup> familia, as nossas condolencias.

—Falleceu, na sexta-feira, no Porto, o sr. Manuel Francisco da Silva, proprietario e director do importante Collegio *A Escola Academica* d'aquella cidade e do *Collegio Aveirense*, d'Aveiro.

O extincto era muito considerado e estimado pelas suas excellentes qualidades de espirito e de coração.

A toda a familia enluctada, sentidos pesames,

—Falleceu, ha dias, o sr. Conde d'Arnos, que foi secretario particular de D. Carlos.

—No lugar de S. Bento (Oliveirinha) falleceu, na terça-feira, o importante proprietario sr. João Marques Mostardinha que ficou sepultado no cemiterio de Oliveirinha.

O extincto, cuja morte foi muito sentida, era irmão do nosso amigo sr. Elias Marques Mostardinha a cuja dôr nos associamos muito affectuosamente.

**Baptisados** — Realisouse, ultimamente, o registro civil dos meninos Clemente Dias da Silva, filho de Carolina Dias, e Vicente Magalhães, filho do nosso presado amigo sr. Sebastião Gomes de Magalhães e de sua esposa, a sr.<sup>a</sup> D. Maria d'Annuniação Magalhães.

Foram padrinhos do primeiro o sr. Clemente Fernandes da Silva e sua esposa, a sr.<sup>a</sup> D. Feliciania Amelia dos Santos Silva, e do segundo os srs. Balthazar de Magalhães e José da Costa Santos.

Para os recém-nascidos desejamos uma vida cheia de felicidades, e aos seus paes enviamos muitos parabens.

**El-Vidalonga**—Este nosso querido collaborador retomou hoje o seu posto.

E' esta, de certo, a melhor

noticia que poderíamos dar aos nossos conterraneos que nos fazem o favor de assignar este jornal.

**Touristes**—Em honra dos touristes estrangeiros, que, actualmente, visitam Portugal, realisaram-se, no Porto, no domingo e segunda-feira, esplendidos festejos, sendo um numero d'estes prehenchido pelo *Rancho das Tricanas das Olivarias*, d'Aveiro, que deixaram a mais bella impressão a quem as ouviu.

**A taberna**—Mais uma vez temos occasião de mostrar os perigos da taberna, transcrevendo a seguinte noticia, publicada na *Lucta* sob a epigrapha *Amizade original*:

O barbeiro Ignacio Polido, morador na rua do Almada, 16, rez-do-chão, e o guarda-freio da Companhia dos Electricos, Ernesto da Silva Nunes, residente na rua da Imprensa Nacional, 15, loja, são dois amigos intimos, mas d'uma amizade original. Hontem, andaram elles de braço dado, por varias tabernas, emborcando copos, até que, pelas 9 horas da noite, já bastante embriagados, se acharam na rua da Rosa, a contender um com o outro, talvez sem saberem porque. O certo é que, obedecendo aos principios da boa amizade, nunca n'elles desmentida, a certa altura da contenda ambos puxaram por navalhas, a cujos golpes o Polido foi ferido na mão direita e o Ernesto Nunes no pescoço. E não deram cabo um do outro, porque a policia interveiu, levando-os para o governo civil, onde, enquanto aguardavam que lhes tirassem os cadastros, se abraçaram e beijaram, renovando os seus protestos de leal amizade.

Depois, declinaram perante o cabo de serviço a sua identidade, indo em seguida repousar nos commodos calabouços do governo civil.

**Junta de parochia**—A comissão administrativa de esta freguezia resolveu, na sua ultima sessão, fazer algumas reparações nos baixos da casa das escolas.

**Aeroplanos**—A aviação vae fazendo grande numero de victimas. Ainda ultimamente, em França, se deu uma horrosa catastrophe, com a queda d'um aeroplano, que matou o ministro da guerra e feriu gravemente o presidente de conselho de ministros.

**A maldita politica**—Na noite de sexta para o sabado, no Porto, deu-se uma lamentavel desgraça, devida á maldita politica. Alguns estudantes da Academia Politechnica discutiam acaloradamente os ultimos acontecimentos po-

ceremonial para o senhor Bispo, vieram dois carpinteiros para as obras, dois armadores para a igreja, as leigas andavam n'uma rodaviva, soror Simão gritava, soror Anna punha as mãos na cabeça, soror Agostinha corria d'um lado para o outro, não se repousava, não se dormia n'aquella casa, as horas do côro estavam trocadas, ninguem atinava com a leitura no refeitório, andava tudo doido, tudo embrulhado, — e se não é a madre-vigaria lembrar-se de repartir tarefas e determinar trabalhos, a confusão das bernardas era de tal ordem que chegava com certeza a noite de Natal e ainda não tinham feito coisa alguma. E assim mesmo, com tarefas determinadas, foi preciso fazer intervir a auctoridade da

liticos do paiz; nessa discussão destacavam-se Rodrigues Pinheiro e Alberto Teixeira dos Santos. A questão azedou-se e este, julgando-se offendido, puxou d'um revolver que desfechou á queima roupa sobre o companheiro que morreu quasi instantaneamente.

## Humorismos

Uma pergunta, senhora, (perguntar não fica mal)  
—Já cá tenho o seu retrato...  
Quando vem o original?

Toda a gente chama ás perolas dos teus dentes, uni collar.  
Só lhes acho uma vantagem:  
—Serem de pôr e tirar.

Bem vejo que me não amas;  
foi um capricho, bem sei.  
Tu com outro acabarás  
os beijos que eu comecei.

As tuas ancas, parecem  
feitas de carne insensivel:  
cravei lá um alfinete  
e tu ficaste impassivel!

Tem um fim encantador  
o carmin que trazes posto:  
fingir um certo pudor  
que nunca te sóbe ao rosto.

Sabe que a reposta á minha  
carta não me surprehendeu:  
tinha-a lido ha quinze dias  
nas mãos d'um amigo meu.

Caprichos da natureza!  
Estranho, insólito facto!  
Tu branca, marido loiro!  
e tens um filho mulato!

Choravas d'antes nas cartas  
de amor em prova de magua;  
Hoje (processo mais simples)  
usas pôr-lhes pingos de agua.

Ruina de velhas glorias,  
que triste mudança a tua!  
Tu, que affrontavas o sol,  
não resistes hoje á lua!

Essas joias que te vejo  
no teu côllo de rainha,  
trazem-me á ideia um desejo:  
—pôr-te no prégo inteirinha!

Quando, descalça na praia,  
o mar á volta escabuja,  
p'ra que lhe ergues tu a saia?  
—pra que ao vêr-te as pernas, feja?

Não me engana essa attitude  
fria, como é teu costume;  
quem sabe remexer cinzas,  
quasi sempre encontra lume...

M, Cardoso Martha.

## ABC Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

Abbadessa para acalmar os animos e evitar graves conflictos pessoases entre as religiosas, promptas sempre a travar-se de razões e a remangar da sandalia. Havia tarefas que todas reclamavam como mais nobres: preparar o berço, vestir o menino, fazer a parte de Nossa Senhora na representação. Soror Genoveva, da casa dos marquezes de Ponte de Lima, a quem coubera em sorte bordar a cobertura para a mulinha do presépio, indignou-se, protestou, gritou faltou ao respeito á madre-vigaria e foi a pão e agua para a cella. Soror Anna do Menino Deus, que devia representar a parte de um dos Reis Magos, declarou terminantemente que não podia, porque lhe picavam as barbas na cara. Por ultimo as coisas compo-

## NOTICIAS PESSOAES

## Doentes

*Está bastante doente o sr. Domingos Valença, filho do nosso presado amigo sr. José de Bastos Valença, do Porto. Fazemos sinceros votos pelas suas rapidas melhoras.*

*—Está melhor, o que muito estimamos, a sr.<sup>a</sup> D. Amelia Reis.*

*—Encontra-se doente o sr. Dr. Alfredo Coelho de Magalhães, director d'este jornal e professor do Lyceu Rodrigues de Freitas, do Porto.*

*Desejamos-lhe rapido restabelecimento.*

*—Tem passado muito incommodada a sr.<sup>a</sup> D. Gracinda de Mello. Fazemos votos pelas rapidas melhoras de S. Ex.<sup>a</sup>.*

## Partidas e chegadas

*Depois de ter passado alguns dias, entre nós, regressou ao Porto o nosso presado amigo e conterraneo sr. Sebastião Gomes de Magalhães.*

## A Deshonra

ROMANCE POR

D. João de Castro

## DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 25

Encontra-se, n'esta cidade, vindo de Loure, o sr. José da Silva Motta que alli havia ido tratar dos seus negocios. O sr. Motta veio muito satisfeito com o affectuoso acolhimento que os seus numerosos amigos de Loure lhe fizeram.

—Deu á luz uma interessante creança a sr.<sup>a</sup> D. Aurora Tavares de Campos, esposa do nosso dedicado amigo João Tavares a quem enviamos os mais cor-deaes cumprimentos.

A recém-nascida, apesar de ter apenas 7 mezes de gestação, é forte e está relativamente bem.

—Ha dias, fomos dolorosamente surprehendidos com a noticia do fallecimento nas alturas da Ilha Graciosa (Açores), do sr. Antonio Dias Talaia que vinha de Manaus com destino a esta cidade.

O sr. Talaia, que ha quatro annos tinha ida para o Brazil, era natural do lugar de Coiça (S. João de Loure).

D'aqui enviamos sentidos pesames a toda a familia enluctada.

—O correspondente do «Correio do Vouga», em S. João, dá noticias alarmantes a respeito da gatunagem naquella freguezia e arredores. Parece que todos os roubos tem ficado impunes, o que é bem lamentavel, e prova que as auctoridades dormem de mais.

Não é apenas em S. João que os ga-

zaram-se, tudo entrou na ordem, os trabalhos proseguiram regularmente, soror Simão já não gritava, soror Agostinha já não corria, começou a haver regularidade no côro, leitura no refeitório, vieram musicos para a capella, flôres para o presépio, paramentos para a sachristia, — e a grande noite ia-se aproximando, com vivo jubilo das freiras e sincera magoa do frei Provisor D. Diogo, para quem se acabavam de repente os mimos de manjar branco que as santas senhoras lhe costumavam mandar á cella todas as manhãs.

A ambicionada tarefa de preparar o berço e vestir o menino coubera a soror Violante do Céu, no seculo Leonor de Mascarenhas Barreto, da illustre casa dos condes da

tunos andam desenfreados. Aqui, na capital, não se passa dia nenhum sem os jornaes terem de noticiar numerosos roubos.

Ainda, ultimamente, roubaram na ourivesaria da Guia, na Rua de S. Vicente, joias no valor de 50 contos, e por um processo muito engenhoso. Na impossibilidade de realisarem os seus intentos por outro meio, alugaram a casa que fica pegada á ourivesaria, e uma ves instalados ali, começaram o trabalho de sapa, perfurando o chão numa extensão de 10 metros. Chegados á direcção do soalho da ourivesaria, fizeram-lhe um buraco com uma pua, pelo qual puderam entrar e fazer o roubo á vontade.

A policia poz-se logo em campo e parece ter descoberto toda a trama do crime. Já estão presos dois refinadissimos gatunos.

Na quinta-feira, dia da espiga, Lisboa despoioou-se. Segundo o velho costume, o bom do alfacinha naquella dia vae para os arredores da cidade, encher os pulmões de ar puro e o estomago, quando não é tambem a cabeça, de sumo da uva, acompanhado da competente saladá.

Embora não seja lisboêta de «nação», mas apenas de «creação», não quiz deixar de me associar á festa dos legitimos alfacinhas.

Fui parar ao Arco das aguas livres, abancando ao pé do portão da rabicha, na companhia dos meus excellentes amigos José Maria e esposa, de Loure, Silva Mortaga, João Salgado e esposa, A. das Neves e esposa, Miguel Leopoldo, João Tavares e as meninas Georgina Marques da Silva, Rosa Cabrita e outras.

No fim da merenda, houve dança ao som do harmonium, guitarra, pandeiro e ferrinhos.

Depois todos seguiram o caminho das Amoreiras, Praça do Brazil, Rua Candido dos Reis até á casa da sr.ª D. Emilia Dias da Silva, onde houve descantes populares até á meia noite.

—Deu-nos, ha dias, a honra da sua visita, o sr. Francisco Rodrigues da Silva, chegado ha pouco de Santos (Brazil).

Acompanhava-o o seu cunhado e nosso amigo sr. José Tavares de Figueiredo.

O sr. Rodrigues da Silva, que esteve 18 annos no Brazil, tenciona seguir brevemente, com sua esposa, para S. João de Loure.—Melicias.

**Troviscal, 25**

Ao comicio republicano de propaganda eleitoral, á inauguração dos retratos de Miguel Bombarda e Candido dos Reis e do Centro Politico, que tiveram lugar, no proximo passado domingo, em Oliveira do Bairro, o primeiro no largo do mercado, a segunda na sala das sessões camara e a terceira num edificio para esse fim apropriado, foi d'esta freguezia grande numero de pessoas que se fizeram acompanhar da Musica Infantil (?) d'aqui, da regencia do sr. José d'Oliveira.

—Foi mudada de Bustos para aqui a séde da assembleia eleitoral em que é costume votarem os eleitores d'esta freguezia, os da Palhaça e da Damarosa, o que representa para nós uma certa comodidade, que já se principiará a gosar no proximo dia 28.

—Diz-se que vae ser creado nesta freguezia um posto de registro civil e que vae ser nomeado seu encarregado o nosso amigo sr. Manuel dos Santos Almeida.

—Partiram hontem á tarde e hoje de manhã para o Bussaco, aonde vão assistir ás festas da Ascensão, varias pessoas d'aqui e logares vizinhos.

Que gosem e se divirtam muito.—Gil.

**Loure, 23**

Sr. Redactor:

O solicito correspondente do seu jornal em S. João pede urgentes providencias contra os gatunos que constantemente assaltam as capoeiras e tudo o mais que lhes fica a geito. Reforço o justo pedido do seu correspondente, para que

Torre e marquezes de Fronteira' creatura singular, hirta e grave, enorma e extremamente pallida, de uma belleza antiga de medalha romana, o queixo forte, os olhos imensos e profundos, a anca possante, o seio redondo, e não sei que ar de indefinivel contradicção em toda a sua figura ao mesmo tempo espirital e solida, mysteriosa e creadora, angelica e sensual. A face, enquadrada no oval de linho branco, tinha ás vezes uma expressão fugitiva de selvageria que assustava as madres, outras, vezes clarões espirituaes de graça, extases subitos de illuminada, immobilidades de imagem que eram para o seu confessor frei Estevão, grande entendido na confusa psychologia das comunidades, signal certo d'uma vida in-

as auctoridades se ponham em campo e dêem caça aos amigos do alheio.

Isto, tanto aqui, com em S. João, precisa d'uma limpeza radical: ha poucos dias, em S. João, uma d'essas aves de rapina, perseguida por alguns individuos, refugiou-se num pateo, mas não foi possível agarrá-la, porque, mal se viu em perigo, deu ás de Villa Diogo.

Em algumas noites, apparece a rondar a porta do sr. Neves um avejão, que ora se transforma em cavallo (sem ser d'Alter) ora em orça Inglesa, como qualquer lobisomem. O sr. Neves tomou tal medo que não ha quem o apanhe na rua, depois de ter fechado a porta, e realmente o caso não é para menos, porque as auctoridades não são de noite, mas até de dia, dormem sempre a somno solto. E' possível que o dito avejão por ahí ande, apenas para alarmar a povoação, mas tambem é possível que ande para mais alguma coisa.

A's auctoridades competentes renovo o meu pedido, e fico certo de que o digno correspondente do Correio do Vouga continuará na sua campanha, a vêr se S. João de Loure caminha, embora de vagar, para, a civilização, e não, a passos de gigantes, para a Calabria.—Raio.

**Azurva, 25**

Como já noticieei numa das minhas ultimas correspondencias, realiza-se aqui, nos dias 4, 5 e 6 de junho, com grande pompa, a festividade em honra do milagroso S. Geraldo, e não S. Gualdo, como por lapso sahido no Correio do Vouga.

No dia 4, ao meio dia, annunciará a festa a sfamadissima charanga de Frossos que deve aqui demorar-se até ao dia 6 á noite.

No dia 5, pelas 9 horas da manhã, chegará a Philarmanica Angejense.

A' noite, ha arraial, que, como de costume, será muito concorrido. O fogo, segundo nos informam, é fornecido por um dos melhores pirotecnicos dos lados d'Ovar.

Esta festividade, que, estou certo, deixará as melhores impressões a quem a ella assistir, é promovida por varios individuos da Associação de Soccorros Mutuos cujos nomes não indico por não os ter bem presentes.

A todos os nossos conterraneos, presentes e ausentes, pedimos que não se esqueçam de concorrer para esta festividade que promete ser brilhante.—C.

**Thomar, 24**

Estâmos em pleno mez de maio. Cobrem-se os campos de flores, e a natureza solta o seu primeiro grito de alegria. O sol magestoso, bello e resplandecente, levanta-se por entre reflexos dourados, abrindo as lindas flores ufanas da sua belleza.

A primavera rasgou o veu negro e triste da ultima estação e ergue-se espalhando pelo ar os perfumes penetrantes das coloridas florinhas d'estes campos que attraem, como a luz a borbolêta, os habitantes d'esta cidade.

Um sorriso de felicidade e bem-estar paira nos labios rosados da creança que no campo colhe ramalhêtes de flores, até ha pouco ainda tristinha e aborrecida por não vêr o seu melhor amigo—o sol.

A agua dos regatos, limpida e crystalina, os alegres passarinhos, saltitando pelas arvores reverdecidas e chilreando pelas parreiras e fresca ramagem tudo isto nos faz exclamar commovidamente: como a natureza é bella!

Chega-nos de longe aos ouvidos a enternecedora canção do lavrador que semeia o pão abençoado.

Depois o sol desaparece, e vem a noite serena e calma, mostrando-se no firmamento milhares e milhares de estrellas, como satyros rodeando a lua meiga e bella que prateia as aguas dos ribeiros e a frondosa folhagem dos arvoredos d'onde o mavioso rouxinol lhe envia ternas canções d'amôr.—José Pedro.

**Toda a correspondencia deve ser dirigida para o director do jornal—R. de S. Miguel, 36—Porto.**

**Leituras amenas**

*O arcebispo e o pastorinho*

Passavam um dia d'um lugar para o outro, salteou d'uma logar fria e importuna, que os não largou na maior parte da jornada, e corria um vento agudo e desahbrigado, que os congelava. Tinhasse adeantado o arcebispo, segundo o seu costume, que era caminhar quasi sempre só para se occupar com mais liberdade em suas contemplanções, e ia fazendo materia de tudo quanto via no campo e na serra para louvar a Deus.

Offereceu-se-lhe á vista, não longe do caminho, posto sobre um penedo alto e descoberto ao vento e á chuva, um menino pobre e bem mal reparado de roupa, que vigiava umas ovelhinhas que ao longe andavam pastando. Notou o arcebispo a estancia, o tempo, a idade, o vestido, a paciencia do pobresinho, e viu juntamente que ao pé do penedo se abria uma lapa, que podia ser bastante abrigo para o tempo. Movido de piedade parou, e chamou-o e disse-lhe que descesse abaixo para a lapa, e fugisse da chuva, pois não tinha roupa bastante para a esperar.

—Isso não, respondeu o pastorinho, vem em deixando de estar álrta, que logo o lobo e leva-me a ovelha, ou vem a raposa e mata-me o cordeiro.

—E que vae n'isso? disse o arcebispo.

—A mim me vae muito, tornou elle, que tenho pae em casa, que peleará commigo, e tão bom dia se não forem mais que brados. Eu vigio o gado, elle vigia-me a mim. Mais valle soffrer a chuva.

Não quiz o arcebispo dar mais passo; esperou que chegassem os de sua companhia, contou-lhes o que passara com o menino, e acrescentou:

—E este esfarrapadinho innocente ensina a Fr. Bartholomeu a ser arcebispo. Este me avisa que não deixe de acudir e visitar minhas ovelhas, por mais tempestade que fulmine o céu; que se este, com tão pouco remedio para as passar, todavia não foge d'ellas, respeitando o mandado do pae mais do que o seu descaço, que razão poderei eu dar, se, por medo de adoecer ou padecer um pouco de frio, desamparar as ovelhas cujo cuidado e vigia Christo fiou de mim, quando me fez pastor d'ellas.

**A AGUIA**

**Revista quinzenal illustrada de litteratura e criticæ**

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

**Cada numero, 50 réis**

sa, sua grande protectora, ou rasa com a terra aos pés do velho frade bento, seu director espirital. Varias vezes lhe tinham visto as disciplinas penduradas na cabeceira do catre, ou no archi-banco da cella. Dias e dias successivos, ao subir ao côro para matinas, trazia os olhos róxos, o habito em desalinho, as mãos salpicadas de sangue, estigmas seguros de mortificação. De resto, era alegre ou parecia alegre, trabalhava, tocava órgão e espinetá, bordava a oiro de bastidor, eram obra sua o gremial e a capa que serviam na eleição trienal das Abbadesas. Uma tia de soror Violante, religiosa de véu preto como ella, que acabára santamente havia tres annos naquella mesmo mosteiro de Lorvão, dizia-lhe ás vezes olhando-a

**LISTA DOS SUBSCRIPTORES**

**Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.**

Transporte . . .	174\$650
Padre Manuel da Cruz . . .	1\$500
José Liborio . . . . .	1\$000
D. Carolina Adelaide de Mello	1\$000
Manuel Rodrigues Vieira . . .	1\$000
Bispo d'Angola e Congo . . .	10\$000
Somma . . . . .	189\$150

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ª Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo Figueiredo, em Eixo; Manoel de Moura e Avelino Dias de Dias Saldanha, em Lisbôa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

**INSTRUCÇÃO PRIMARIA**

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes os programma de 1902

FOR

**ALVARO M. MACHADO**

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

**A. A. FLORES LOUREIRO**

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

**Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS**

muito, como a analysal-a, num sorriso doloroso:—«E's demasiado mulher para ser boa freira, minha filha...» As palavras da pobre morta valiam toda a psychologia de frei Estevão. Era aquelle, justamente, o supremo defeito de soror Violante do Céu: era demasiado mulher. Entretanto, quando lhe coube em sorte a tarefa de preparar o berço do prerépio e de vestir a imagem do Menino, parecia uma creança. Perdeu o seu ar habitual de gravidade, riu, subiu-lhe á face um rubor leve, cantou, tocou cravo nessa tarde, rodeada de todas as madres. D'ahi a poucos dias foi-lhe entregue o berço, um verdadeiro pequeno berço que servira a qualquer creança nobre e que via emprestado para o convento de

**O LUXO**

**CHRONICA DE LISBOA**

Novo e sensacional romance do mesmo auctor de

**OS TRISTES**

e, como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole: o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

**A SAHIR BREVE**

**A Corte de Junot em Portugal**

Historia Nacional por

**Rocha Martins**

**Padaria Lamego**

DE

**José Ferreira Coelho de Magalhães**

**529, Rua do Almada, 533**

**PORTO**

Pão de todas as qualidades, bijou, hespanhol e familia.

Fabrico especial de pão de Lamego.

Distribuição a qualquer hora para todos os poutos da cidade.

Vinhos licores, bolachas, tabacos, etc.

dido do Abbade vigario-geral. Soror Violante devia acolchoal-o de seda, rodeal-o de flores, cobril-o de pequeninas palhas doiradas, e dispôr sobre ellas com toda a arte a imagem do Menino, a mesma imagem que estava na igreja de Lorvão, em tamanho natural, muito côr de rosa, sorrindo angelicamente sob o seu enorme resplendor de prata. Mal poderiam suppôr o Bispo, a Abbadesa, o vigario, o confessor, o provisor, a comunidade inteira, que aquelle berço era a Tentação, que aquelle berço era o Inferno que entrava na cella de soror Violante do Céu.

(Continúa)

DOS «OUTROS TEMPOS»

Julio Dantas.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Ilustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUMNOS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrucción primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.<sup>a</sup> 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes de Instrucción Primaria, por A. M. F.

3.<sup>a</sup> edição. . . 100 reis



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguém disse do malgrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.<sup>a</sup> edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, neste modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—27300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.<sup>a</sup> edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.<sup>a</sup> edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistá, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.—32 paginas—50 rs.

A RIR... A RIR... não é o título d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.<sup>o</sup> volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numerção seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exageros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A' venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administracção:

R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal—anno . . . . . 1\$200

» —semestre . . . . . 600

Africa —anno . . . . . 1\$500

Brazil —anno—(moeda forte) . . . . . 2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. . . . . 10 reis

Communicados, cada linha. . . . . 20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracção—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Em: Inr.

4.<sup>o</sup> ANNO—N.<sup>o</sup> 21